



A IGREJA ANGLICANA E A MISSÃO DE DEUS NO NORDESTE BRASILEIRO.

Rev. Sérgio Andrade

Creio ser oportuno neste tempo de reflexão sobre a Missão de Deus na região nordeste, através da Igreja Anglicana, lembrar as palavras de Isaías, contempladas e lidas por Jesus: *"Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías; e abrindo-o, achou o lugar em que estava escrito: o Espírito do Senhor está sobre mim, porquanto me ungiu para anunciar boas novas aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos, e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e para proclamar o ano aceitável do Senhor. E fechando o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele. Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta escritura aos vossos ouvidos."* (Lucas 4.17-21)

Falar sobre Missão é, quem sabe, reconhecer que esta é antes de tudo um movimento claro de Deus entre nós. Missão é envio divino que se apresenta em Jesus Cristo e no Espírito Santo na história de homens e mulheres que procuravam e procuram construir também histórias próprias em contextos e condições diversas e adversas. Deus revela sua face, suas propostas e suas palavras e se faz perceber para a vida. E nesta intencionalidade e atitude, Ele convida a todos e a todas para que também possamos ser enviados, pois Missão é uma provocação para a saída e para o encontro.

Abraão, Moisés, Josué, Ester, Isaías, Jeremias, Dorcas, Maria e tantos outros personagens bíblicos são apresentados como aqueles que na história são impelidos a sair, pois ouvem a voz divina que ecoa: *"Quem irá por nós?"* (Isaías 6.8). E assim Deus se humaniza e se faz perceber entre nós. Missão é a presença do Deus que se envia e nos convida a partilhar com Ele seus desejos e relacionamentos para a criação e redenção.

Missão é mais. Há, entre nós, o que os estudiosos irão chamar de "consciência subjetiva"¹. A partir de nossa experiência com o divino nos sentimos chamados ao envio. Há uma vocação para sair e lançar-se nestas trajetórias de Deus. *"Assim como o Pai me enviou, eu vos envio..."* (Jo 20.21). Ao nos aproximarmos de Deus somos levados ao encontro de outras pessoas e realidades. Não permanecemos num círculo fechado de contemplação e sossego. Antes, como na vida de Jesus, a intimidade com o Pai favorece a entrega incondicional manifesta em gestos e doações. Missão é disposição. É oferecimento de si mesmo e de muitos, numa projeção encarnada do modelo vivenciado entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, os quais não competem entre si, mas se dispõem a servir ao mundo, impulsionados pelo amor (João 3.16).

¹ Sebastião, GAMELEIRA, "Ação diaconal: uma reflexão no contexto nordestino", p. 16



É isto que Leonardo Boff² parece indicar quando cita Che Guevara, numa carta deixada aos seus filhos pequenos: *"se sentires a dor dos outros com a tua dor, se a injustiça no corpo do oprimido for a injustiça que fere a tua própria pele, se a lágrima que cair do rosto desesperado for a lágrima que você também derrama, se o sonho dos deserdados desta sociedade cruel e sem piedade for o teu sonho de uma terra prometida, então serás um revolucionário, terás vivido a solidariedade essencial."*

Este é o encontro: a identificação e a encarnação com o clamor no outro. A presença que impede a solidão, o isolamento e a fragmentação. Pensar e agir em nossas igrejas e articulações comunitárias, numa participação efetiva e transformadora; quando falamos e vivenciamos o encontro na unidade das Igrejas, no respeito as diversidades e na coragem da busca do bem comum.

Missão e Identidade da Igreja

Só podemos considerar a Missão de Deus entre nós se reconhecemos a identidade da igreja como instrumento divino/humano, entre outros, no mundo. E quando falamos de identidade, nos remetemos ao modelo de Jesus e decorrências de suas mensagens e seus trajetos na vida da Igreja.

Ao olharmos para Ele, percebemos que sua vida e seu ministério são emoldurados pelo serviço (diaconia). Em Cristo, o serviço não é um apêndice ou parte agregada à personalidade ou convicção pessoal. Os gestos, as palavras, os milagres, os carinhos, as inclusões e a cruz são sinais de serviço. Tudo começa e termina com diaconia.

Em Cristo, ocorre o esvaziamento para se colocar ao lado das pessoas para a diaconia (serviço) da salvação. Ele é a encarnação do servo que *"carrega sobre si as nossas enfermidades e dores"*. (cf. Isaías 53.4). O Servo é a expressão maior de alguém que possuía uma percepção clara sobre si mesmo e sua Missão: *"O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e resgatar a vida de muitos (Marcos 10.45)*.

Para Rodolfo Neto⁴ *"o ministério de Jesus se caracteriza justamente pela atividade de resgatar pessoas da escravidão das várias formas de poder (crianças, escravos, mulheres, os discípulos ambiciosos, o homem rico, os cegos)"*.

Num cenário em que a palavra resgate nos remetia ao mundo da opressão, da escravidão e do poder, onde prisioneiros de guerra, prisioneiros resultantes de dívidas e proliferações de mercados de escravos apresentavam-se com realidades permanentes, a diaconia de Jesus apontava para a liberdade e para a vida.

² Leonardo BOFF, *"Solidariedade: caminho da paz"*. P. 18

⁴ Rodolfo NETO, *"A diaconia de Jesus"*, p.81



Àqueles que seguem a Cristo, reconhecendo o caminho da cruz, importa apreender esta identificação. Os passos que se direcionam a Ele revelam as marcas dos pés daqueles são chamados ao serviço do evangelho. Seguir ao Senhor é sobretudo tornar-se um servidor a caminho da libertação, com todas as suas implicações.

Para o apóstolo São Paulo, a encarnação de Jesus traz consigo significados múltiplos: esvaziamento, humildade e serviço. Ingredientes de uma mesma condição. Para Paulo, há uma única direção que os seus seguidores deverão buscar: identificar-se com o Servo. Por isso ele diz: *"Tende em vós aquele sentimento que houve também em Cristo Jesus, o qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz."* (Filipenses 2.5-7).

É claro que neste texto evidencia-se o que Marc Edouard Kohler⁵ irá denominar de diaconia ativa e passiva. Para ele: *"a atividade diaconal de Jesus é exemplar para as pessoas que o seguem na perspectiva da cruz; entretanto, a diaconia que Jesus realiza por meio de sua morte só pode ser recebida passivamente, porque aí as pessoas são confrontadas com os seus limites. A exemplo do que aconteceu com os próprios discípulos de Jesus, as pessoas são flagradas na sua própria escravidão, como presas aos poderes de autopromoção, da busca pelo caminho da glória, poderes dos quais não conseguem se libertar por si mesmas. Dependem da libertação que vem de fora, de alguém que está acima das limitações humanas, de alguém que realiza o resgate por graça."*

A identidade da Igreja é caracterizada pelo serviço. Sua missão está intrinsecamente ligada a sua identidade. Portanto, a Missão da Igreja é servir.

Neste contexto, a Comunhão Anglicana indica cinco marcas que expressam sua Missão, como expressões de serviço: proclamar as boas-novas do Reino de Deus; ensinar, batizar e nutrir as pessoas que se aproximam da fé; servir em amor aos necessitados; lutar para a transformação das estruturas injustas da sociedade; e trabalhar em favor da vida e da conservação e renovação dos recursos da Terra.

O Contexto da Missão

Se pretendemos ser francos, consideremos que, muitas vezes, o já escasso conhecimento sobre pessoas, culturas, igrejas e religiões na região nordeste é alimentado mais pelo preconceito e pela discriminação do que pela experiência das pessoas e do conhecimento das entranhas rurais e urbanas.

⁵ Cf. Ekkehard HEISE, "La diaconia de la encarnación como liberación de las iglesias", p. 130



É também lugar comum diagnosticar as condições e os contextos da região. Os números, as fotografias e as narrativas são conhecidas. Poderíamos repetir o que já sabemos e revisitar cenários amplamente reconhecidos.

Ao falar sobre o contexto das igrejas protestantes e evangélicas estaremos (ou não), de alguma maneira, dialogando também com cenários relevantes da própria sociedade em que estamos inseridos. Daí poderão, quem sabe, nascer algumas diretrizes.

Destaco, assim, algumas impressões sobre a realidade das comunidades de fé no Brasil e no nordeste, particularmente nos centros urbanos:

Significativo crescimento numérico, particularmente entre os neopentecostais - com forte ênfase numa espiritualidade pessoal e subjetiva, alicerçada no poder de cura sobrenatural, na recuperação física e na prosperidade, estas igrejas, em geral alcançam as pessoas destituídas de acesso ao poder público e aos serviços sociais, tais como: saúde, educação, saneamento, entre outros. Paulo Romeiro⁶ assevera que "o crescimento dessas igrejas nos últimos vinte anos foi tão extraordinário que, se mantido o ritmo, levará a América Latina a tornar-se protestante em menos tempo que a Europa levou para tornar-se cristã."

Tendência ao isolamento denominacional e ao fortalecimento institucional - é percebida pequena cooperação entre igrejas (das mesmas denominações e com outras). Há um fechamento em torno da comunidade local, seja na liturgia, na doutrina ou na prioridade das atividades "sociais". Percebe-se ainda a busca de fortalecimento da identidade institucional, e conseqüente recrudescimento do movimento ecumênico.

Ênfase teológica numa espiritualidade parcial - nota-se em muitos setores das igrejas, inclusive na academia, a elaboração de uma teologia pessoal e intimista, afastada do contexto em que as igrejas estão inseridas.

Forte apelo afetivo e subjetivo, em detrimento do "compromisso e da fé" - músicas, mensagens e liturgias apontam para as relações de afeto e compreensão. Parece haver um deslocamento da fé da cabeça para o coração.

Mobilidade e criatividade litúrgica - a participação nos cultos e nas celebrações se apresentam como permanentes "surpresas" aos seus assistentes. Há uma inovação constante dos serviços litúrgicos. Percebe-se esta prática presente também nas igrejas históricas.

⁶ Paulo ROMEIRO, "Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal", p. 81



Pouquíssimos setores participantes da dinâmica política - a "dinâmica política", compreendida neste contexto como ações na sociedade, tem experimentado pouca participação das igrejas.

Personalização da liderança pastoral - presente em praticamente todas as igrejas a personalização evidencia-se pela percepção generalizada de que se participa na comunidade do pastor fulano ou beltrano, em detrimento, inclusive, da própria denominação ou espaço geográfico.

Se estas são realidades comuns em nossas comunidades de fé, não seria exagero traçar relações diretas e indiretas entre as igrejas e outros setores sociedade que, de alguma maneira, transferem os conteúdos de suas conjunturas locais para outros espaços relacionais. Explico mais claramente: é possível que o crescimento neopentecostal no Brasil explicita, por exemplo, o individualismo presente em nossos tempos. Parece haver, neste cenário, uma freqüente busca de saciedade das necessidades pessoais. O coletivo está colocado em segundo plano, pois a realização e a conquista pessoal destacam-se como elementos presentes nas diversas camadas sociais.

Para José Comblin⁷ é claro que *"o individualismo alcançou uma dimensão desconhecida até agora na história da humanidade. Desde as origens, o capitalismo foi um poderoso fator de individualismo, o mais poderosos, sem dúvida. No entanto, nunca tinha chegado à profundidade que alcançou desde o estabelecimento do neoliberalismo como norma para as nações, como sucedeu a partir da década de 80."*

As cidades parecem pouco comunitárias. Representam, na verdade, o ajuntamento de pessoas que possuem seus próprios ritmos e anseios.

Outro aspecto importante a ser lembrado, em parte explicado como posicionamento reativo ao processo de globalização, é a busca do fortalecimento de uma identidade própria. No plano individual e coletivo evidencia-se fechamentos em torno de particulares convicções e afirmações. A partir daí, se tem como relevante apenas o que cada um pensa, deseja e produz, frutificando a intolerância, o fundamentalismo e o isolacionismo. Novamente, tal realidade se expressa em setores distintos das sociedade. Há uma reverberação do pessoal para o coletivo e o institucional. Assim, as pontes de reconhecimento para a pluralidade e diversidade, possivelmente, estejam bastante comprometidas. Se no passado havia um discurso de abertura e uma prática de fechamento. Atualmente, ambos convergem para a mesma direção: o encapsulamento para a sobrevivência existencial.

Esta também é uma geração movida pelo afeto e pela emoção. Grande parte das programações televisivas, bem como da vasta produção literária e cinematográfica tem o objetivo de conquistar o consumidor a partir de sua

⁷ José COMBLIN, *Diakonia na cidade, em "Diaconia no contexto Nordestino"*, p. 75



potencialidade afetiva e necessidade de transpirar emoções. Talvez, este seja apenas um indicador de que as relações com o afeto e a emoção estejam falando mais alto que as confissões; ou seja, o "amor e o acolhimento" transpõem as verdades e as doutrinas, sejam elas políticas ou religiosas, por exemplo. Mais que convicções mentais, homens e mulheres procuram espaços e expressões que confirmam o sentimento de pertença e reconhecimento. O essencial tem se tornado essencialíssimo, com espessas camadas de sensações.

Finalmente, consideremos que ainda há um longo caminho a percorrer para participações e mobilizações sociais efetivas. Uma compreensão mais ampla das demandas deste tempo, bem como das forças que interagem para destruir ou construir, por exemplo, a dignidade da vida, a justiça e a preservação ambiental, precisa ser considerada com maior urgência. Quando falamos em processos de transformação, fundamentais ao futuro, não deveríamos reconhecer a morosidade e a acomodação como elementos que justificam a permanência da conjuntura atual, mas possivelmente pela pequena presença de percepção dos desafios estruturais.

Os Desafios da Missão

O teólogo suíço Hans Kung⁸ destaca condições que devem ser estabelecidas para que a Igreja possa ter um futuro no terceiro milênio.

Respeitadas as importantes diferenciações entre as Igrejas, creio ser importante refletir sobre suas palavras e nossos desafios, transpondo a abordagem negativa e apresentando outras proposições e gerando perguntas.

Considera ele, em primeiro lugar, que *"a Igreja não deve ser nostálgica e se apaixonar pela Idade Média, nem pela época da Reforma ou do Iluminismo, mas ser uma Igreja com raízes nas suas origens cristãs e concentrada nas suas tarefas de hoje."*

Creio que devemos refletir como podemos trazer o passado, viver os desafios do presente e não perder de vista o tempo futuro. É claro que reconhecemos a riqueza de nossa história e origem. Delas, não nos esquecemos. Parece-me, porém, que o imenso desafio para nossa Igreja é o que faremos com os aprendizados passados, distantes ou recentes, não para conceder a nós mesmos uma sobrevida, mas para perceber quais são as **tarefas que esta geração reclama de nós**. A isto denominamos chaves estratégicas para o presente e o futuro.

Quais seriam os clamores desta geração? Quais as ações e as anúncios relevantes para o Igreja nordestina?

⁸ Hans KUNG, *A Brief History of the Catholic Church*, p.105



Para Kung, a Igreja também não deve ser patriarcal, fixada em imagens e papéis estereotipados de gênero e linguagem exclusivamente machista, mas ser uma igreja de parceria, que combina ofício e carisma e aceita as pessoas em todos os ministérios da igreja.

Se pretendemos, de fato, realizar nossa Missão, cabe nestes e noutros momentos discussão e prática relevantes sobre os novos **desafios de inclusão e participação na Igreja e na sociedade**, com olhares cuidadosos sobre as antigas e novas relações de gênero. Distantes do oportunismo, somos convidados pela história a abrir ouvidos, olhos e mente para a busca de respostas às perguntas que ecoarão cada vez mais alto entre nós. E isto significa uma decisão importante de revisão das leituras da história, da Bíblia, da própria Igreja e da sociedade. Se no passado, agimos assim, o que nos impede de prosseguir com tais posicionamentos? O que, ou melhor, a quem pretendemos defender (ou atacar)?

Finalmente, Kung nos alerta considerando que a Igreja não deve ser mesquinamente confessional e sucumbir à exclusividade doutrinária, à presunção do formalismo e à recusa de comunhão com outras comunidades, mas ser uma Igreja **ecumenicamente aberta**, que pratica a comunhão com outro, dispondo-se a descobrir novas verdades através do diálogo humilde com outras Igrejas e a sociedade.

Por ecumenismo, ressalto as palavras de Dirk Oesselman⁹ de que este *"não é um conceito teológico-teórico, mas, ao contrário, é sua vivência que impulsiona constantemente reflexão e questionamento, celebração e encontro, assim como busca e prática inovadora"*.

A oportunidade que nos é colocada pela história faz de cada um co-responsável pelas esperanças que temos cultivado entre nós e nossa gente. O fracasso ou êxito, o recuo ou avanço, a virtude ou o erro na história serão apresentados e compartilhados por todos e para todos nós. Não para gerar punições, mas para aprendermos em conjunto.

Também sabemos que a realização da Missão se dá à medida que proclamamos, denunciemos, profetizamos e encarnamos nossa mensagem, convidando o outro a estar ao nosso lado para perceber, questionar, contribuir e propor alternativas vivas e viáveis aos modelos impressos à força em muitos de nós. Estes podem ser caminhos que valorizam a expansão e favorecem uma virada quando muitos ainda não acreditam nesta possibilidade.

⁹ Dirk OESSELMAN, em *A situação ecumênica no norte - um olhar a partir da região amazônica, Diaconia no contexto nordestino*.